

H. G. Wells

Ficções clássicas

Organizadora

SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO



H. G. Wells: ficções clássicas é um trabalho inovador, que busca a tradução, a adaptação e a gravação de contos inéditos de H. G. Wells para o português. Os contos apresentam atmosferas e temas variados, o que permitiu aos pesquisadores a criação de um audiolivro diversificado, que abrange um público bastante amplo. Os textos traduzidos foram adaptados para peça radiofônica, com a inclusão de sons ambientes e efeitos sonoros, criando uma obra única em mídia sonora. O trabalho foi realizado por pesquisadores de iniciação científica do Instituto de Letras e da Escola de Teatro da UFBA, integrantes do PRO.SOM da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Guerra Anastácio. Este audiolivro encontra-se acessível em uma versão interpretada por atores e uma versão em PDF, preparada especialmente para os deficientes visuais. Vale a pena conferir!

H. G. Wells

FICÇÕES CLÁSSICAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Assessor do reitor

Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Apoio:



Instituições envolvidas:



H. G. Wells *Ficções
clássicas*

Organizadora
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO

Salvador | EDUFBA | 2021

Tradução e adaptação de contos de H. G. Wells: “A Vision of Judgment” (1899), “The Door in the Wall” (1906), “The Pearl of Love” (1924), “The Land Ironclads” (1903), “The Beautiful Suit” (1909) e “The Empire of the Ants” (1905); obras em domínio público. A edição em língua portuguesa é publicada pela Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), 2021. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma e por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de recuperação de armazenagem de informação sem a permissão da Edufba.

2021, autores.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico

Alana Gonçalves de Carvalho Martins

Capa e Editoração

Miriã Santos Araújo

Foto de capa

Pexel, Pixabay e Freepik

Revisão

Cristovão Mascarenhas

Sistema de Bibliotecas – SIBI/UFBA

H. G. Wells: ficções clássicas / Sílvia Maria Guerra Anastácio, organizadora.

- Salvador : EDUFBA, 2021.

119 p.

Disponível também em versão audiolivro.

Tradução e adaptação de contos de H. G. Wells.

ISBN: 978-85-232-2052-5

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33229>

1. Wells, H. G, 1866-1946. 2. Literatura - Adaptações. 3. Ficção científica inglesa. I. Anastácio, Sílvia Maria Guerra.

CDD – 82-311.9

Elaborada por Jamilli Quaresma CRB-5: BA-001608/O

Editora filiada à



Editora da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n – Campus de Ondina

40170-115 – Salvador – Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164

www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Apresentação

O audiolivro *H. G. Wells: Ficções clássicas* apresenta uma adaptação de contos do autor britânico Herbert George Wells, traduzidos do inglês para o português pelo grupo de pesquisa coordenado pela Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Guerra Anastácio, Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM): Estudos de Tradução Interlingual e Interartes, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), durante os anos de 2017 e 2018. Os contos traduzidos foram: “A Vision of Judgment” (1899), “O Juízo Final”; “The Door in the Wall” (1906), “O Jardim Encantado”; “The Pearl of Love” (1924); “A Pérola do Amor”; “The Land Ironclads” (1903); “A Máquina de Guerra”; “The Beautiful Suit” (1909); “O Terno”; e “The Empire of the Ants” (1905), “O Império das Formigas”.

Trata-se de um trabalho inovador, uma vez que buscou a tradução, a adaptação e a gravação de contos inéditos de H. G. Wells para o português. Os contos apresentam atmosferas e temas diversos, o que permitiu aos pesquisadores o desenvolvimento de um processo criativo bastante rico. Depois da tradução dos contos, os bolsistas foram responsáveis pela elaboração de roteiros dos mesmos em peça radiofônica, com a inclusão de sons ambientes e efeitos sonoros, além de trabalharem na edição da mídia sonora e na direção da gravação dos personagens em audiolivro. Os contos foram traduzidos da língua inglesa para o português em um trabalho conjunto realizado por alunos do Instituto de Letras e da Escola de Teatro da UFBA. Este audiolivro encontra-se acessível em versão interpretada por atores e outra em PDF, preparada especialmente para os deficientes visuais.

O JUÍZO FINAL

De H. G. Wells

Personagens

Catarina, Pedro, Julio, Deus,
Homenzinho, Homem Perverso,
Beata, Anjo, Mulher sábia

Época

Anos 2000 e Juízo Final atemporal

Local

Escritório e espaço do juízo

CENA 1

Efeito sonoro: *Ambiente de escritório.*

Efeito sonoro: *Alguém atendendo o telefone.*

Catarina: Sim, sim, senhor. Pode deixar que passarei seu recado agora mesmo. Imagina, disponha.

Efeito sonoro: *Passos de salto, alguém batendo na porta.*

Catarina: Senhor Pedro, com licença.

Pedro: Claro, Catarina.

Catarina: Júlio, diretor da empresa, pediu para que o senhor fosse até a sala dele no final da tarde, parecia estar bastante animado.

Pedro: Ôpa, se for aumento no salário, o seu vai aumentar junto, hein? (risos).

Catarina: Vou começar a rezar desde agora, senhor. (risos).

Pedro: Se dependesse de reza para eu ser bem sucedido, eu estaria era mal. Acho que ainda estaria trabalhando como negociante de tecidos, de porta em porta (risos). Ai, ai. Catarina, é, você já pode me trazer aquela proposta do acionista de Nova Iorque?

Catarina: Claro! Se precisar de mais alguma coisa, é só me chamar.

Efeito sonoro: *Passos de salto, alguém fecha a porta.*

CENA 2

Efeito sonoro: *Som ambiente de corredor.*

Efeito sonoro: *Som de passos de homem, som de alguém batendo na porta, que é aberta, em seguida.*

Efeito sonoro: *Som ambiente de escritório.*

Pedro: Júlio, boa noite! E aí, meu amigo... Como foi a reunião em Londres?

Júlio: Foi melhor do que imaginávamos. Consegui resolver os problemas e continuar com a nossa parceria. Mas não foi pra isso que chamei você aqui. Na verdade, Pedro, há algum tempo, estávamos trabalhando a possibilidade de te promover para ser um dos diretores aqui da empresa e, agora que o Vítor está se aposentando, pensamos que seria uma oportunidade ideal pra você ficar no lugar dele.

Pedro: Nossa... agora você me pegou desprevenido.
(riso de nervoso).

Júlio: Você, desprevenido? (risos) Claro que você já meio que esperava porque sabe do seu valor aqui na empresa. Mas o fator surpresa, na verdade, é que você tem cinco dias pra se preparar e ser o nosso porta-voz na coletiva de imprensa. Não vá gaguejar, hein?

Efeito sonoro: *Cortina sonora de transição de cena.*

CENA 3

Efeito sonoro: *Som ambiente de escritório.*

Efeito sonoro: *Microfonia.*

Pedro: (pigarro) Boa noite a todos. Eu sou Pedro Siqueira, um dos diretores da empresa e hoje estou aqui para falar sobre o nosso mais novo projeto. Ele foi desenvolvido com vistas a mudar o rumo da nossa empresa e, claro, do nosso país. O projeto foi intitulado...

Efeito sonoro: *Quadros caindo, terra tremendo, pessoas gritando e correndo, crianças chorando, vidro quebrando, explosões. Silêncio absoluto.*

CENA 4

Efeito sonoro: *Som de trombeta.*

Pedro: Nossa... Que barulho infernal! Mas quem tá buzinando... Parem! Hã?! Que lugar é esse...?

Efeito sonoro: *Som de trombeta ainda mais alto.*

Pedro: Não, não, não pode ser! Aaah! (grito de quem é lançado para fora de um túmulo) (pensamento) Que árvore é essa? Parece um ulmeiro... Aaahh! (grita novamente, como se estivesse sido transportado para um ambiente diferente).

Efeito sonoro: *Na plateia do julgamento. Burburinho.*

Pedro: O que está acontecendo? Essas pessoas... Parece um anfiteatro imenso, nuvens ao nosso redor e ali (susto) não, não, não pode ser... Deus! Num trono? E essa legião de anjos em torno dele.

Homenzinho: Pronto! Prontinho! Ei, você está vendo aquele anjo com o livro? Todos estão aqui, todos! Agora vamos saber... (mudando de assunto) Veja! Lá está Darwin... Agora, ele vai pagar pelo que fez. (risos) E ali! Você está vendo? Um homem alto querendo chamar a atenção de Deus? É o Duque. Mas tem muita gente desconhecida. Vou ouvir quase tudo, seremos chamados em ordem alfabética e meu nome começa com “S”. (risos) Personagens históricos, está vendo? Aquele é Henrique VIII, haverá muitas revelações... Ele é da casa dos Tudor. (abaixando o tom da voz) E aquele ali, coberto de pelo, é um paleolítico. E ali está Joana D’arc (risos). Ah, essa tem muito o que contar... (mas sua voz começou a desaparecer, pois a atenção de Pedro estava voltada para Deus)

Deus: Só são esses?

Anjo: Sim, senhor. Só são esses. Era um planeta pequeno.

Deus: Então, vamos começar.

CENA 5

Efeito sonoro: *Na plateia do julgamento.*

Pedro: O quê?

Homenzinho: Tem um homem na mão de Deus! E que postura imponente e arrogante perante Deus, hein? Usando coroa, com vestes ricas, mas completamente fora de moda.

Deus: Fale.

Homem Perverso: Eu me declaro culpado.

Deus: Diga-lhes, então, o que fez.

Homem Perverso: Eu era um rei, um grande rei, ganancioso e cruel. Provoquei guerras, destruí países e construí palácios usando o sangue dos homens

como argamassa. Escute, ó Deus, aquelas testemunhas contra mim clamando por vingança. Centenas e milhares de testemunhas. E pior! Eu matei um profeta, um dos seus profetas.

Deus: Um dos meus profetas...

Homem Perverso: É, e porque ele não queria me reverenciar, eu o torturei por quatro dias e quatro noites até morrer. E fiz mais, Deus, blasfemei. Roubei o teu lugar, Senhor.

Deus: Roubou meu lugar, como assim? (irônico)

Pedro: Olha, o profeta está ali e ele é um santo famoso, né?

Homenzinho: Lembro bem que minha vizinha era devota dele. Esse homem vai pagar!

Efeito sonoro: *Cessa na plateia do julgamento.*

Homem Perverso: Fiz com que me adorassem em seu lugar. Sem necessidade, pratiquei o mal. E, finalmente, tu me feriste, Ó Deus. (breve silêncio) Fui morto na batalha. Agora, estou diante de ti, pronto para conhecer as profundezas do inferno! Sem mentiras, não ousando suplicar, mas falando a verdade sobre tudo, antes que o façam por mim.

Deus: Ele fez tudo isso, Gabriela?

Anjo: De certa forma, sim.

Deus: Leia.

Anjo: Esse homem praticou atos hediondos durante seu período na Terra.

Homem Perverso: Não, por favor!

Anjo: Hum... Deixe-me ver por onde começar. Bem, esse homem abusou de animais das piores formas possíveis.

Homem Perverso: Não! Não!

Anjo: É, ele ceifou a vida dos próprios familiares.

Homem Perverso: Isso não, eu imploro.

Anjo: (o anjo continua lendo, com um sorriso) É, usou os seus filhos como reféns pra conquistar mais territórios. Abusou deles, crianças inocentes, e depois as empalou, empalou, Senhor!

Homem Perverso: Ninguém sabe disso! Isso nem aconteceu. Eu estava mal... Realmente, mal. Ó, Deus! Não deixe que saibam disso! Vou me arrepender! Vou me desculpar...

Anjo: (continua lendo, ao fundo, tom de voz mais baixo) Ele é realmente perverso. Matou os filhos. Matou animais. Matou seus servos, familiares.

Efeito sonoro: *Na plateia do julgamento, burburinho.*

Homenzinho: O quê? Ele correu para dentro da manga da roupa de Deus? Eu não sabia que o inferno ficava ali!

Pedro: E existe mesmo um inferno?

Homenzinho: Se você notar... Não há nenhuma indicação de que existe um paraíso.

Beata: SSSHH!! Cala a boca! O santo está falando! Deixa eu ouvir!

CENA 6

Efeito sonoro: *Na plateia do julgamento.*

Profeta: Ele era o Senhor da Terra, mas eu era o (grita) profeta do Deus dos céus! Porque eu, ó Deus, eu já sabia das glórias do Teu paraíso perfeito. Estou cortado por facas, com farpas em minhas unhas, com o corpo em carne viva, tudo para honra e glória do Senhor.

(Deus sorriu)

Profeta: E fui suportando as minhas mágoas, aos trancos e barrancos, Senhor...

(Anjo ri abruptamente)

Profeta: ... Fiquei fora dos portões, como um sinal, um sinal da mais perfeita admiração.

Anjo: (fala rindo, enquanto o profeta fala, ao fundo, sobre seu sofrimento) Ai, ai, um perfeito incômodo.

Deus: Leia o livro.

Anjo: Esse homem, ó Deus...

(Profeta interrompe).

Profeta: Senhor, não acho necessário, o Senhor me conhece, eu nunca fiz...

Anjo: Um pobre homem, não é mesmo? (risos) Tantas atrocidades cometidas, começando por... (lê, ao fundo, quase inaudível, o livro sobre o profeta).

Homenzinho: Parece que ninguém escapa, nem mesmo aqueles que se dizem “santos”.

Pedro: E agora ele está lá ao lado do seu pior inimigo.

Homenzinho: É, como se fossem irmãos. Quase abraçados! (Risos).

CENA 7

Efeito sonoro: *Na plateia do julgamento.*

Pedro: Acho que depois desse sou eu...

Homenzinho: Também estou achando, meu amigo (ri empolgado).

(Pedro é transportado para a mão de Deus).

Pedro: Isso tudo é tão inacreditável...

Deus: Sua descrença te prejudicou muito, Pedro, a vida inteira.

Pedro: O “Senhor” (irônico) não esteve comigo, assim como nunca esteve com a minha mãe, uma pobre que dedicou a vida a Ti. E pra quê? Com que objetivo? Seu ego me enjoa, Senhor.

Deus: Cuidado, Pedro. As medidas que você usa para julgar, são as mesmas que podem ser usadas para te condenar.

Efeito sonoro: *Livro folheado.*

Anjo: Devo ler, Senhor?

Deus: Por favor.

Anjo: Bem, quando pequeno, Pedro costumava acompanhar a mãe em suas devoções, era uma criança tranquila, fiel.

Pedro: É, até o momento em que minha mãe ficou doente e completamente abandonada.

Deus: Não tenho obrigação de fazer nada, Pedro, você deveria...

Pedro: (interrompe a fala de Deus) Ah, eu deveria te reverenciar? Te honrar? Te tratar como o ser maravilhoso que você é, não é mesmo?

Anjo: Ele preferiu negar as grandezas do reino de Deus.

Pedro: Qual o sentido desse julgamento? Só mais uma oportunidade para mostrar sua grandeza? Só mais um momento para ser reverenciado?

Anjo: Renda-se, Pedro.

Pedro: (chorando) O mundo foi, é e sempre será um lugar terrível. Está em nós a maldade. Eu preferia não existir, não estar aqui.

Deus: Mas você está. E permanecerá.

Efeito sonoro: *Sendo lançado para a roupa de Deus, gritando.*

CENA 8

Efeito sonoro: *Novo planeta surgindo.*

Deus: Agora saibam que ganharam este novo planeta, o Sirius, para que tenham uma nova oportunidade, uma nova chance de não errar. Vocês me conhecem e conhecem uns aos outros, vamos tentar mais uma vez!

Mulher: (voz sábia) Novos corpos, velhas almas. Que lugar lindo, um completo desperdício.

O JARDIM ENCANTADO

De H. G. Wells

Personagens

Catarina, Entrevistadora,

Raimundo, Wallace

Época

Anos 2000

Local

Londres

CENA 1

Efeito sonoro: *Batida na porta. Porta abrindo e fechando.*

Wallace: Preciso te contar uma coisa, Raimundo... Um segredo...

Raimundo: O quê?? Que segredo?? Senta aí e me conta logo, Wallace!

Wallace: Então... É que quando eu tinha uns cinco ou seis anos, fugi de casa. Eu não me lembro direito, mas fugi pelas ruas de Londres. Não lembro de muita coisa, só da imagem daquela porta.

Raimundo: Porta??? Mas que porta???

Wallace: Bem, enquanto eu andava pelas ruas de Londres, vi uma porta verde em uma parede branca. Você sabe como é curiosidade de criança, né? Fiquei querendo abrir aquela porta e entrar o mais rápido

possível, mas alguma coisa me dizia que era errado. Tinha certeza que meu pai ia ficar muito zangado se eu passasse por ali. Hesitei por muito tempo entrar por aquela porta. Até que não aguentei mais...

Raimundo: E, e aí??? O que tinha atrás dessa porta???

Wallace: Tinha um jardim. É muito difícil lembrar com detalhes o que eu vi, mas eu sentia uma sensação de leveza e bem estar ali. Era tudo muito claro, muito lindo... Nunca tinha me sentido daquele jeito; aquele jardim parecia encantado! Logo quando eu entrei, duas panteras vieram em minha direção me dar boas vindas! E, de alguma forma, lá, eu me sentia em casa.

Raimundo: Que loucura é essa, Wallace??

Efeito sonoro: *Som de pássaros, fontes de água e folhas balançando.*

Wallace: É sério! Quando passei por aquela porta, nada mais me importava, esqueci de toda a realidade, parecia que eu estava em outro mundo. Sabe um mundo diferente? A luz era mais quente, no ar você sentia a alegria, o cheiro das flores reinava... Aí do nada apareceu uma moça, que segurou a minha mão,

deu um beijo na minha testa e me levou por um grande corredor entre as árvores.

Raimundo: Você é maluco?! Como é que você segue uma estranha desse jeito?

Wallace: Parecia que eu a conhecia há muito tempo, como se ela fosse da minha família... Nada me preocupava. E enquanto seguíamos pelo caminho, ela me contava coisas lindas, eu não consigo me lembrar o quê, mas sei que eram coisas boas.

Raimundo: E o que mais?? Continue!!!

Wallace: Não me lembro de tanta coisa assim... Lembro que passamos por um senhor que meditava em um lugar cheio de pássaros, com várias fontes e colunas até chegar a um espaçoso palácio. Lá tinha muitas pessoas e, de alguma forma, eu sentia que todas estavam bem felizes em me receber. Fiz muitos amigos e me diverti demais brincando com eles. E esse momento foi muito importante para mim...

Raimundo: Imagino que isso tenha sido muito importante, já que você era um garoto bem solitário durante a escola. É... Me lembro bem!

Wallace: Foi muito especial mesmo. Mas sabe o que é estranho? Tem algumas coisas que eu não consigo lembrar, por exemplo, as nossas brincadeiras. Passei muitas horas da minha infância tentando lembrar delas e nada! Só me lembrava que me sentia muito feliz com os meus amigos. Um dia, quando eu brincava com os meus companheiros, apareceu uma mulher séria, que vestia um manto roxo. Ela me levou até uma praça, onde abriu o livro que carregava para que eu folheasse com ela...

Raimundo: E o que tinha nesse livro?

Wallace: Quando ela abriu o livro, fiquei surpreso. Nas páginas dele, vi a história da minha vida, coisas que aconteceram comigo desde que eu nasci! Foi maravilhoso porque as páginas daquele livro não eram simplesmente imagens, entende? Era tudo realidade...

Raimundo: Sim, sim, estou entendendo... Continue, continue!

Wallace: As imagens eram reais, as pessoas se moviam, tinha os meus pais, o meu quarto, todas as coisas que me eram familiares, e quanto mais eu folheava, mais lembranças eu via. Mas eu não entendia o que estava acontecendo, até que comecei a flutuar do lado de fora da parede verde, e todo aquele

jardim encantado havia desaparecido. Não tinha mais os meus amigos, nem a moça, nem a mulher de roxo, nem as panteras, NADA! Tinha somente eu, um menino que chorava nas frias ruas de Londres... “Mas para onde eles tinham ido?” fiquei me questionando por muito tempo...

Raimundo: E aí, o que aconteceu depois??

Wallace: Um senhor na rua me ajudou a ir pra casa. Até hoje, me envergonho daquele meu choro e de toda aquela multidão que se formou à minha volta. Soluçando e assustado, saí do jardim encantado para os degraus da casa do meu pai. É óbvio que eu não consegui descrever muito daquela experiência tão diferente da realidade. Mas se foi um sonho, tenho certeza que foi um sonho maravilhoso.

Raimundo: Mas peraí... E quando você chegou em casa, seu pai não falou nada?

Wallace: É claro que ele falou... Ele, minha tia e a babá me encheram de perguntas, e foi nesse dia, que recebi a minha primeira surra por contar supostas mentiras. Depois até tentei falar com minha tia, mas ela também me puniu por continuar com aquela história maluca. Fui proibido de tocar no assunto.

Pense que até meus livros eles tiraram de mim, dizendo que eu era muito criativo... Só podia sussurrar aquela história ao meu travesseiro e nas minhas orações, quando pedia pra ser levado de volta para lá. Eu sempre sonhava com o jardim!

Raimundo: E algum dia você conseguiu achar o caminho de volta?

Wallace: Não, não lembro de ter encontrado. Depois que fugi pela primeira vez, eles passaram a me vigiar cada vez mais. Sei que parece estranho, mas entre os oito e nove anos de idade, eu esqueci completamente do jardim e só resolvi procurá-lo de novo quando te conheci. Você lembra de mim na época da escola?

Raimundo: Um pouco.

Wallace: Nem dava pra imaginar que eu tinha um sonho secreto, né?

Raimundo: Não, isso nem passava pela minha cabeça.

Wallace: Você brincava comigo do jogo do novo norte?

Raimundo: Que jogo é esse?

Wallace: Bem, era mais ou menos assim: tinha o caminho normal pra escola, que era bem simples,

e o objetivo do jogo era encontrar um caminho alternativo; a gente começava a brincar uns dez minutos antes das aulas, só que um dia, fiquei preso em uma rua e pensei que ia chegar atrasado pra aula. Daí fui correndo até o final da rua pra ver se chegava no horário, quando, de repente, lá estava a minha parede branca com a porta verde.

Raimundo: E você entrou nessa segunda vez que você viu a porta?

Wallace: Tudo isso me abalou muito, mas tenho certeza que aquela segunda vez marcou o limite entre a vida agitada de um estudante e a infância despreocupada. Dessa vez, não pensei em entrar imediatamente, não queria chegar atrasado. Eu tinha uma vontade de entrar, mas não era maior que minha vontade de chegar no horário. Passei direto pela porta e segui para o colégio. Lembro que cheguei todo suado e sem fôlego, mas com dez minutos de folga.

Raimundo: Bem diferente da primeira vez, né? Como as coisas mudam...

Wallace: Eu não sabia que a porta não estaria sempre lá... Fiquei feliz em saber o caminho de volta, mas a escola me puxava. Passei o dia todo desatento,

lembrando das coisas lindas que vi no jardim e pensando na felicidade que ia sentir ao ver aquelas pessoas de novo. Só sei que o jardim encantado não saía da minha cabeça e fui contar sobre isso logo àquele menino do apelido engraçado... Como era o nome dele mesmo?

Raimundo: Roberto, o fofoqueiro.

Wallace: Ele mesmo... Fomos andando juntos pra casa e não consegui deixar de contar o que tinha acontecido. E você acha que ele fez o quê?

Raimundo: Claro que espalhou pra todo mundo!

Wallace: Sim, no outro dia, a escola toda já sabia. Os meninos maiores me cercaram pra que eu falasse sobre o jardim, você lembra?

Raimundo: Não, acho que eu não estava lá. Se eu estivesse, teria lembrado.

Wallace: Eles falavam que era a melhor mentira que já tinham escutado e eu dizia que não era mentira, e sim um segredo. Até piada sobre a moça do jardim eu tive que escutar, mas fingi que não ouvi. Aí, um dos meninos me chamou de mentiroso e eu disse que sabia onde estava a porta e podia levá-los até lá em

dez minutos. Aí, ele disse que se eu não a encontrasse, ia torcer o meu braço. Fui o caminho todo agoniado, como um idiota, para a felicidade deles, e não encontramos a tal parede branca e a porta verde.

Raimundo: Os meninos te abusaram muito?

Wallace: Muito! Cheguei em casa chorando e fui correndo para o meu quarto pra ninguém ver; mas eu chorava pelo jardim, não por eles. Voltei lá algumas vezes, mas nunca mais encontrei a porta... Eu sonhava durante o dia e chorava durante a noite. Fiquei muito mal na escola e só voltei a melhorar quando você me superou em matemática! Lembra?

Raimundo: Sim! Você era muito melhor que eu nas exatas... Mas, e depois, dessa vez, você viu a porta de novo?

Wallace: Eu só a vi de novo quando tinha 17 anos. Ela apareceu pra mim pela terceira vez quando eu tava indo pra Oxford, pra uma bolsa de estudos. Foi tudo muito rápido, eu tava distraído quando, de repente, lá estavam a porta, a parede e uma sensação boa. Fiquei tão surpreso e ansioso, que comecei a tagarelar com o taxista. Ele me perguntou se precisava de alguma coisa, mas só lhe pedi que seguisse

em frente, o mais depressa possível, porque eu tinha errado o caminho. Ele obedeceu.

Raimundo: E aí?

Wallace: Consegui minha bolsa de estudos. Depois que cheguei em casa, já no meu quarto, um filme estava passando pela minha cabeça: o olhar de aprovação do meu pai, que é um acontecimento raro, a alegria dele ao me dar parabéns... Imagina, se eu tivesse ficado parado naquela porta, teria perdido a minha bolsa e arruinado o meu futuro!

Raimundo: Mas e seus amigos, e aquela sensação boa?

Wallace: Bem, não me arrependo de nada. São lembranças muito boas, mas agora, são só lembranças. A porta que abri para minha carreira valeu muito mais.

Raimundo: Então, esqueceu completamente a porta verde?

Wallace: Na verdade, não. Depois disso, ainda sonhei com a porta umas quatro vezes e sempre que a via, de fato, ficava olhando por um tempo, mas passava direto. Eu tava encantado com o futuro promissor que o mundo real podia me dar. Pena que acabei me decepcionando...

Raimundo: O que aconteceu?

Wallace: Muitas coisas. Teve uma vez que estava indo encontrar uma pessoa especial e, no caminho, vi uma parede branca com uma porta verde. Muito estranho, era um lugar completamente diferente de onde eu costumava ver a porta. Confesso que tive um impulso de abrir, mas não queria me atrasar e estragar minha reputação, então, acabei desistindo. Mas, depois, me arrependi da minha pontualidade e fiquei pensando que deveria ter aberto aquela porta e rever o que tinha atrás dela. Trabalhei durante anos e nem sinal da porta. Mas, recentemente, o jardim voltou a ficar nos meus pensamentos.

Raimundo: Pelo arrependimento?

Wallace: Nem sei dizer ao certo. Mas tudo virou uma sensação muito ruim. Toda vez que eu lembrava daquela parede, era como se surgisse uma sombra nos meus pensamentos; perdeu todo o brilho que tinha. Não sei se é porque estou ficando velho, sobrecarregado de trabalho ou se foi um sinal de que eu nunca mais ia ver aquela porta de novo. Só sei que jurei que a próxima vez que eu a visse, não hesitaria em abri-la. Mas me decidi tarde demais porque já tinha visto a porta três vezes antes disso.

Raimundo: Três vezes?

Wallace: Sim, no ano passado. Em situações diversas, mas todas as vezes, eu ficava hesitante até que acontecia algo que me impedia de abri-la. Mas, agora, não dá mais. Isso está me consumindo. Justamente quando meu trabalho está sendo mais prestigiado, fico vagando por aí, à noite, com medo de que alguém perceba que um ministro como eu (ar de riso sem graça) está atordoado procurando uma porta.

CENA 2

Efeito sonoro: *Marcha fúnebre.*

Entrevistadora: Boa tarde a todos. Estamos no velório do ministro Wallace, que foi encontrado morto na manhã de ontem, e vamos fazer algumas perguntas a Raimundo, seu amigo mais próximo.

Raimundo: Boa tarde! Eu gostaria de começar essa entrevista dizendo que eu ainda não digeri a notícia da morte do meu amigo Wallace. Há apenas três dias, eu tive uma conversa muito longa com ele e ainda me lembro de cada palavra que ele disse. Enfim, eu peço que as perguntas sejam breves, pois eu não quero mais prolongar essa dor.

Entrevistadora: Senhor Raimundo, onde o corpo foi encontrado?

Raimundo: Bem, encontraram o corpo ontem de manhã bem cedo, numa escavação, perto de uma estação de trem, aqui em Londres. O local estava isolado com um tapume de madeira, mas, colocaram uma pequena porta para os operários que moram na região e precisam passar por ali. Por algum descuido, a porta ficou destrancada e o Wallace (gagueja como se fosse começar a chorar) passou justo por aquela porta...

Entrevistadora: O que o senhor acha que fez o ministro Wallace passar por ali?

Raimundo: É um assunto muito íntimo, mas eu posso dizer que meu amigo estava muito atordoado com a vida. Costumava sair à noite, perambular pelas ruas só pra pensar um pouco.

Entrevistadora: Mas por que ele não teria percebido o isolamento no local? Ele costumava beber?

Raimundo: Vocês veem as coisas apenas pela superfície... Se querem saber o que eu acho, direi. Eu sei que vocês vão me chamar de louco, mas ninguém conheceu Wallace como eu. Bem, algo me diz que ele interpretou aquela porta como uma saída, um modo de se livrar de tudo o que o atordoava.

Entrevistadora: Mas ele tinha acabado de conseguir um cargo importante...

Raimundo: É aí que vocês precisam atravessar essa porta e sair da superfície. Todos nós temos problemas, que ninguém vê; achamos que seremos felizes quando alcançamos determinadas coisas. Mas, para os sonhadores, é tudo muito mais difícil, pois eles têm a visão e uma imaginação fértil; sabem que há sempre algo melhor esperando por eles. Certamente, Wallace esperava encontrar um mundo muito mais bonito ao passar por aquela porta. E, no fundo, eu acho que ele encontrou.

Entrevistadora: Como assim? Ele saiu de uma carreira incrível, de uma posição de prestígio para a... morte.

Raimundo: Mas será que era dessa forma que ele encarava as coisas?

A PÉROLA DO AMOR

De H. G. Wells

Personagens

Narrador, Pessoa 1, Pessoa 2, Pessoa 3

Época

Anos 2000 e passado atemporal

Local

Brasil e Índia

CENA 1

Efeito sonoro: *Música indiana.*

Narradora: O que vou contar se passa na Índia, palco das mais lindas histórias de amor

No meio de vales, lagos e florestas, morava um príncipe, dono de todas aquelas terras. Um dia, andando pelos vales, ele conheceu uma mulher de incrível beleza e se apaixonou por ela. Viveram, por alguns anos, uma linda história de amor. Até que um dia, em um de seus passeios, a princesa acabou morrendo.

Pessoa 1: Ai! Que coisa triste!

Narradora: É, pois é... Dizem que a princesa morreu de uma picada de cobra muito venenosa. Durante dois dias, o príncipe entrou em luto profundo e as pessoas temiam que ele se matasse de tanto sofrimento. Até que, de repente, ele saiu de seus aposentos, mandou

colocar o corpo de sua amada em um caixão de chumbo e, ainda, encomendou outro caixão externo com as madeiras mais aromáticas que havia, todo trabalhado em ouro.

E, em cima dele, colocaria um sarcófago cheio de pedras preciosas.

Pessoa 2: Nossa! Parece que ele amava mesmo essa princesa, né?

Narradora: O amor deles era grande demais. O príncipe passava o tempo todo andando pelos lugares onde havia sido feliz com sua princesa, recordando os momentos em que tinham vivido. Em uma de suas conversas com o seu conselheiro, o príncipe disse que nunca mais pensaria em tocar outra mulher e que adotaria um jovem para ser o seu herdeiro. Para homenagear sua princesa, construiria um grande monumento, cheio de graça e beleza, mais maravilhoso do que qualquer outro já existente, e que, após alguns anos, viria a se tornar uma das maravilhas do mundo.

Pessoa 1: Eu acho que já ouvi uma história parecida com essa... Mas não lembro muito bem onde...

Pessoa 2: Hã, deve ser a história do Taj Mahal!

Pessoa 1: Isso! A do Taj Mahal!

Narradora: Não... Essa é diferente. Essa construção foi chamada de “A Pérola do Amor”. Durante muitos anos, o príncipe devotou muito de seu tempo a ela. A fundação foi feita em um lugar tão alto, mas tão alto que, dali, as pessoas tinham a impressão de poder ver todos os vales do mundo. Havia muitos pilares, paredes cobertas de joias preciosas. No início, o projeto era menos ousado, o salão era menor e o sarcófago ficava no meio de flores delicadas; ai gente, como se fosse uma criança dormindo e envolta por aquelas flores. Mas, com o tempo, o príncipe foi fazendo mudanças no projeto da “Pérola do Amor”. Começou trocando uma cúpula, que não lhe parecia grande o suficiente. Anos depois, o príncipe já nem era mais aquele rapaz gracioso de antes. Tornara-se um homem sério, que somente se dedicava à construção da “Pérola do Amor”. Por causa de toda a sua dedicação, o príncipe aprendeu muito sobre os materiais que precisou usar e sobre novas formas de construção, que havia no seu tempo. Com o passar dos anos, já não lhe agradavam mais tons brilhantes e quentes; preferia cores frias, como o azul ou tons mais puxados para o lilás. Cansou de tantas escul-

turas, desenhos e ornamentação; por isso, colocou tudo de lado e fez mudanças no seu projeto inicial.

Pessoa 2: Acho que, com o tempo, ele foi se entristecendo mais e mais, né? E a melancolia dele se refletiu na construção...

Narradora: Sim! As pessoas continuavam acompanhando a grandeza e o esplendor da construção de “A Pérola do Amor”, que se erguia soberana sobre os vales. Então, as mulheres do mundo inteiro admiravam o príncipe e sua devoção pela princesa.

Pessoa 1: Aaaah! Fantásticos são os milagres do amor...

Pessoa 2: Menina, não se iluda! Isso é só uma história.

Narradora: Pela entrada interna da construção, dava para contemplar uma imensa galeria de pilares e, em cima do pavilhão onde se encontrava o sarcófago, podia-se ver um lindo bosque, que ficava a maior parte do ano coberto de neve, na grande montanha. Os pilares, arcos e reforços das muralhas da construção se elevavam cada vez mais e pareciam flutuar para todo lado.

Efeito sonoro: *Som de harpa.*

Narradora: Como arcanjos esperando a presença de Deus. As pessoas ficavam encantadas com o que viam. Mas o príncipe, apesar de se sentir profundamente emocionado com aquilo tudo, ainda não estava satisfeito.

Pessoa 2: Insatisfeito com o quê? Em meio a tanta beleza?

Narradora: Para ele, sempre faltava algo, sempre tinha algo para se modificar ou desfazer na “Pérola do Amor”. Certo dia, achou que seria melhor desmanchar o pavilhão (som de desmoronamento) onde se encontrava o sarcófago para torná-lo mais evidente para quem passasse por ali pudesse logo vê-lo. E, na manhã seguinte, dirigiu-se ao monumento, sem dizer nada e assim ficou por alguns dias. Até que voltou do reino, na companhia de um arquiteto, dois mestres artesãos e uma pequena comitiva para, juntos, refletirem sobre o projeto daquela maravilha. Mas, para o príncipe, havia uma coisa que estava quebrando toda aquela harmonia...

Efeito sonoro: *Suspense.*

Pessoa 1: (Cortando a fala anterior) ...Quê???

Pessoa 2: Espera! Deixa ela contar...

Narradora: Então... O príncipe começou a achar que havia uma desproporção no sarcófago, não tinha harmonia, entende? E, justo naquele sarcófago, estava o caixão de prata e chumbo, onde ficava a princesa, a causa imortal e tão amada de toda aquela beleza. Mas, agora, o sarcófago era apenas uma forma oval, não compatível com a beleza de “A Pérola do Amor”. Imerso em seus pensamentos, até que...

Efeito sonoro: Som de desmoronamento.

Príncipe: Derrubem tudo isso! Nada nunca vai ser tão grande e belo quanto o amor que sinto por minha amada.

Pessoa 1: Meu Deus!

Pessoa 2: Não acredito que ele fez isso!

Pessoa 3: Gente, isso é loucura, desperdício, ôxe...

Narradora: Pois é. Como é difícil preencher o sonho do outro. Na verdade, é impossível! Nem os melhores arquitetos do mundo, nem as joias mais raras, nem as construções mais imponentes conseguem transformar em realidade o sonho ou o amor de alguém.

Pessoa 3: Realmente, viu? O amor é um sentimento forte mesmo.

Narrador: Agora, que terminei minha história, agradeço a atenção, pois eu vivo de teatro, arte é a minha profissão. Contribua com o que possa pra eu poder comprar o meu pão.

A MÁQUINA DE GUERRA

De H. G. Wells

Personagens

Criança, Madalena, Homem 1, Homem 2, Homem 3, Tenente, Soldado

Época

Atual e passado atemporal

Local

Quarto de criança e campo de batalha

CENA 1

Efeito sonoro: *Som ambiente de quarto de criança.*

Criança: Vó, você vai ler uma história pra mim?

Madalena: Claro que sim, minha querida! Espere só um pouquinho (levanta da cama) que eu vou escolher o nosso livro de hoje.

Criança: Hum... Eu tava pensando que a senhora podia ler aqui no meu tablet, olha só! (Liga o tablet).

Madalena: Mas o quê?! Te deram mesmo esse troço, foi?!

Criança: Hum, hum! É muito legal, vó! Vem ver! A gente pode ter todos esses livros seus aqui dentro e nem vai pesar!

Madalena: (Ri) Ah, meu amor. Só você mesma pra me fazer rir de uma coisa dessas.

Criança: Se a senhora gostar, eu vou pedir a mamãe pra te dar um de presente!

Madalena: Eu já tenho um, sabia?

Criança: Já tem um?! Eu achei que a senhora não gostava dessas coisas...

Madalena: (inspira e respira fundo) Ô, meu amor! Olha, eu sei que, às vezes, eu sou meio chata, mas não é que eu não goste... Assim... dessas tecnologias novas...

Criança: O que é, então, vó?!

Madalena: (Pensativa) Hum... Vamos lá! Acho que você já está pronta pra ouvir esta história.

Criança: (Ansiosa) Que história, vó? Que história é essa? Conta logo!

Madalena: (Ri) Calma, menina! Tenha calma, que a história é longa. O ser humano é muito inteligente. Ao longo de todos esses anos que a gente existe e vem se desenvolvendo, muitas tecnologias têm sido criadas e melhoradas. E isso costuma ser muito bom, muito enriquecedor pra nossa vida.

Criança: Então, vô! É legal! O computador, o celular, a internet! Ninguém consegue ficar sem!

Madalena: É verdade. Essas coisas são muito boas e ajudam a gente. Mas nem sempre o ser humano tem usado a tecnologia pra fazer o bem...

Criança: (Surpresa) Como assim?

Madalena: Vou te contar a história do meu avô, o vô Lourenço. Quando eu era menina, assim da sua idade, ele lia pra gente as anotações que fez de tudo que aconteceu quando ele era jovem e quando passou um tempo... na guerra.

Criança: Uauuuuu! O seu avô foi pra guerra?!

Madalena: Foi, sim! Mas ele não era soldado. Era um correspondente de guerra.

Criança: (Surpresa) Correspondente de guerra? O que é isso?

Madalena: Oh, correspondentes de guerra são jornalistas, que vão pra guerra e ficam lá no meio da linha de fogo, observando e reportando tudo o que vêem por lá. Se aproximam até das áreas mais perigosas pra acompanhar a ação e escrever sobre o que

está acontecendo. Naquele tempo, a venda de jornais costumava crescer muito durante o período de guerra. Todo mundo queria saber o que estava acontecendo por lá e essa profissão de correspondente de guerra era bem reconhecida, mas muito perigosa...

Criança: Nossa! Seu avô sobreviveu à guerra! E aí, ele se feriu, vó?

Madalena: Não, graças a Deus, ele voltou vivo, sem nenhuma ferida grave, mas com muitas marcas na alma.

Criança: Os amigos dele morreram?

Madalena: Não eram bem seus amigos, minha filha, mas... Vamos dizer, compatriotas, que lutaram contra um poderoso adversário.

Ele estava lá, no meio de toda aquela loucura que deve ser um campo de guerra. O exército do nosso país ia chegando de bicicleta e se organizando nas trincheiras. Tomavam suas posições e seguravam as armas. Alguns ficavam um pouco mais afastados (posicionando canhões). Empurravam, com muito esforço, alguns canhões, que tentavam posicionar de forma estratégica. Eram homens que não estavam muito bem preparados para aquilo, sabe? Não que seja justo alguém ir pra guerra, nem que tenha que

estar preparado pra isso. Mas nossos soldados eram trabalhadores do campo, eles não estavam habituados a fazer aquele tipo de coisa... Passaram alguns dias se acomodando nas trincheiras, pensando na forma de atacar, de como se proteger.

Ficaram lá por um tempo, só esperando o inimigo aparecer. Deviam ser soldados bem mais preparados, bem armados, fortes e estrategicamente em melhor posição que eles. Mas olha só o que aconteceu: ao longe, foi surgindo uma coisa esquisita (som mecânico), meio estranha, parecia uma tartaruga gigante.... Tinha até uma carapaça... O nosso lado ficou curioso e assustado. Alguns homens saíram das trincheiras e, de repente, foram baleados (tiros). Conseguiram rastejar de volta até as trincheiras, enquanto gritavam loucamente: *“Fiquem nas trincheiras, fiquem nas trincheiras! Abaixem a cabeça, a cabeça!”*

Vozes dos soldados e de Madalena se confundem: (gritando) Fiquem nas trincheiras, fiquem nas trincheiras! Protejam as cabeças, as cabeças! Abaixem as cabeças!

Madalena: Aquela coisa estranha, prateada, com uma carapaça, que parecia de aço, agora ia se aproximando, rapidamente (som mecânico se aproximando). Os tiros saíam dela aos montes (tiros)! Dava para ver que tinha rodas capazes de passar por terrenos pedregosos e até por algum buraco, se fosse o caso. A carapaça se mexia por cima, voltava por baixo, de modo que fazia com que aquela criatura de metal asquerosa conseguisse ultrapassar todo e qualquer obstáculo. O nosso lado ficou confuso, sem reação. Alguns homens começaram a gritar e a se perguntar:

Homem 1: O que fazemos? O que fazemos?!

Homem 2: O que é aquela coisa? O que é aquilo?

Homem 3: Vamos atacar, não temos saída!

Vozes do vô Lourenço e de Madalena se confundem:

Vô Lourenço estava próximo ao tenente quando o ouviu gritar: *“Quero ver todos vocês em suas devidas posições e começando a atirar ao meu comando!!! Um... Dois... Três! Atacar!!!”*

Efeito sonoro: *tiros de armas e canhões mais fracos. Tiros em carapaças e homens sendo atingidos.*

Madalena: Nossos soldados começaram a atirar (tiros mais fracos) na máquina de aço, que já estava bem perto. Todos os tiros pegavam na sua carapaça (tiros em carapaças) e caíam no chão. Parecia que estavam jogando pipoca naquela coisa estranha. Não tinha efeito nenhum sobre ela. Enquanto isso, a máquina começou a atirar de novo (tiros) e a acertar vários homens do nosso lado. Os homens que estavam posicionados nos canhões começaram a se preparar pra disparar, mas aí eles viram mais daqueles monstros.

Nosso exército passou do medo e do pânico pra um ataque de fúria quase generalizado. E aí, percebendo que as coisas iam ficando cada vez piores pros seus companheiros, vô Lourenço resolveu se arriscar. Ele tinha um preparo físico excelente porque ele costumava participar das maratonas, lá nos tempos da faculdade. Ele resolveu subir a colina, logo atrás das trincheiras, e se esconder num dos lugares por ali.

Ao total, eram 12 daquelas máquinas estranhas rolando pelas trincheiras. Os inimigos pareciam ter passado muito tempo se preparando pra aquele momento. Quando a guerra foi declarada, eles já sabiam exatamente o que fazer porque parece que eles

já vinham, há muitos anos, criando aquelas máquinas de guerra, que seu avô nem podia imaginar.

Olhe, as máquinas de guerra eram robustas, tinham pelo menos uns quatro metros de altura por dez de comprimento. Eram cobertas de metal e tinham algumas janelas por onde saíam canos de armas. Não dava pra saber quais dos canos realmente disparavam os tiros, só era possível perceber que, apesar da quantidade absurda de balas que voavam das máquinas em direção aos homens das trincheiras, nem todos os canos eram de armas verdadeiras. Finalmente, os nossos canhões começaram a disparar. (Canhões disparando) Bum, bum, bum! Disparavam aleatoriamente, tentando acertar qualquer parte das máquinas até que uma delas começou a fazer um barulho estranho (barulho estranho)... As outras cessaram fogo. Uma daquelas coisas tinha sido danificada. Começou a subir uma fumaça (fumaça) da máquina atingida.

Efeito sonoro: *Silêncio.*

Madalena: Todos ficaram em silêncio. Por um instante, o nosso lado teve um fio de esperança, achando que poderia, pelo menos, não ser massacrado. E vô Lourenço tava lá em cima, atrás de uns arbustos,

sozinho, coitado, anotando suas impressões de tudo o que ele conseguia perceber, no meio daquela confusão toda. Ele tinha medo de ser atingido a qualquer instante. O local tava todo destruído. Muitos dos nossos soldados estavam mortos, outros muito feridos, enquanto que o único dano significativo do outro lado era que apenas uma das suas 12 máquinas não funcionava mais. E era isso. Descobriram como criar as primeiras máquinas de guerra e as estavam usando pra massacrar outros seres humanos.

Homem 1: Vamos nos entregar! Não aguento mais. Olha como estamos! Nós não temos chance!

Homem 2: Eu, eu prefiro morrer!

Homem 3: Elas vão acabar com a gente!

Madalena: (Máquinas em movimento) As máquinas começaram a se mexer até que todas ficaram posicionadas, lado a lado. Assim que se alinharam, começaram a avançar em direção aos homens que restavam, mas que ainda eram muitos. Aquelas máquinas já tinham sido bastante baleadas, mas nada que as impedisse de continuar vencendo a batalha.

Efeito sonoro: *Barulho das máquinas.*

Madalena: As carapaças estavam bem amassadas e, ao passo que as máquinas iam avançando, faziam um barulho que pareciam rugidos de um animal aquático pré-histórico. Os homens do nosso lado não tinham mais o que fazer. Carregaram seus fuzis e abriram fogo (carregando e atirando). Então, as máquinas começaram a disparar com toda a força (tiros das máquinas). Vô Lourenço via aquilo tudo dali de cima.

Quando quase nada mais restava do nosso lado, o tenente, sem falar mais nada, subiu no lugar mais alto que conseguiu e ergueu uma bandeira branca.

Mesmo assim, as máquinas continuaram avançando e atirando, como se quisessem exterminar nossos soldados.

O vô Lourenço ficou indignado e escreveu, nas últimas páginas do seu relato: *“Se eu sair daqui vivo, vou dedicar cada um dos meus dias a sempre perguntar, por onde quer que eu passe: ‘Quanto vale uma vida humana?’ Talvez, eu escreva uma manchete de jornal, intitulada ‘Humanidade versus Máquinas’, onde vou expor as atrocidades da luta*

entre a humanidade versus latas de ferro. No meu artigo, eu vou descrever o terror que eu estou vendo: homens por trás das máquinas. Homens inteligentes o bastante pra criar e manusear essas máquinas centenas de vezes mais poderosas que um soldado fardado com um fuzil na mão. Homens operando máquinas de destruição que, mesmo os inimigos tendo declarado que tinham sido vencidos, continuavam avançando e dizimando os mais fracos. No rosto dos que perderam, consigo entender a condição humana: sangue, dor, desespero, redenção, no semblante de cada um. E na feição dos poderosos e inteligentes, que buscam aniquilar o outro por opção, ou até por prazer, o que será que resta de humano neles?”.

O TERNO

De H. G. Wells

Personagens

Narrador, Anastácia, Leonardo, Maria,
Graça, Pedro, Pessoa 1, Pessoa 2

Época

Anos 2000

Local

Casa e bosque

CENA 1

Efeito sonoro: *Música melancólica e de tom grave.*

Narrador: Leonardo era um menino de mais ou menos 14 anos, que não tinha crescido muito e, por isso, não gostava de sair de casa. Passava horas sozinho e pouco conversava. Anastácia, sua mãe, já tinha percebido que, com o passar dos anos, o seu filho único gostava cada vez menos de brincar na rua, de sair, conversar; coisas que fazia quando era mais novo.

Anastácia: Léo! Os menino tão chamando. Cê num vai não, filho?

Léo: Vou não, mãe! Fala pra eles que eu num tô aqui, por favor! Por favor!

Anastácia: O Léo num tá aqui não!

Narrador: Eles não tinham muita condição, sabe? Tudo que tinham era um ao outro. Notando a tristeza do menino, Anastácia pegou uma parte da pequena economia que tinha, no caso de alguma necessidade, e resolveu comprar tudo que precisava pra fazer um presente pro filho. Costureira de mão cheia, fez um terno verde com botões dourados e, pra completar, uma gravata borboleta laranja! O Léo, com certeza, ia amar! Ele sempre comentava que as suas roupas, mesmo lavadas, eram escuras e todas pareciam ter uma cor borrada, sem graça.

Anastácia: Léo! Ô Léo! Vem cá, meu filho. Vem ver o que fiz pra você!

Efeito sonoro: Cessa música melancólica. Pessoa andando.

Léo: (com um grito de comemoração) Ai, que maravilha, que lindo, meu Deus do céu! Esse terno, mãe! Eu não acredito! Como assim? Tá muito bom, tá muito lindo. É meu?

Efeito sonoro: *Som que indica brilho.*

Narrador: Quando o menino chegou na sala, não dava pra saber se o que brilhava mais eram os seus olhos

ou os botões do terno mais bonito que ele já tinha visto! Queria vestir o terno naquele momento, e andar por aí, exibindo a obra de arte da sua mãe. Ficou encantado! Pulava e cantarolava de alegria.

Léo: Ai, obrigado, obrigado, obrigado, obrigado! Muito feliz, muito feliz! É meu! Eu não acredito! É verde, tem botão dourado, é tão lindo!

Anastácia: Ah, meu amor, tenha cuidado! Sabe lá quando é que você vai poder ter outra roupas dessas! Vamos deixar pra você usar só dia de domingo, tá certo?

Narrador: Léo queria usar o terno a todo instante de sua vida, mas sabia que isso não seria possível, e acatou os conselhos de sua mãe. Ele mesmo dobrou o terno e embalou no único papel de seda que a dona Anastácia tinha comprado, especialmente pra isso. Depois, colocou numa caixa que ficava dentro do guarda-roupa da mãe. Sabia que ali estaria bem protegido, mas ficaria bem longe dele.

Léo: Ai, obrigado, obrigado, obrigado, mãe! Eu tô muito feliz! Muito feliz! Muito obrigado! Muito obrigado! Eu te amo tanto, mãe! Eu te amo tanto...

Anastácia: (rindo) Eu sei, meu filho. Eu sei... Agora, vamos dormir, que amanhã eu tenho muito trabalho.

Efeito sonoro: *Som de harpa.*

Narrador: Léo passava horas a fio pensando em como seria bom reviver tudo que já tinha lhe acontecido; porém, dessa vez, usando aquele terno, ia ser diferente. Com certeza, as pessoas o notariam e o tratariam com mais simpatia se o vissem usando uma roupa tão bonita! Mas o domingo que a sua mãe o deixaria, finalmente, usar o terno nunca chegava...

Léo: E hoje, mãe? Hoje é domingo de novo! Eu posso usar o terno?

Anastácia: É melhor não, meu filho. Não temos nada de especial pra fazer, você pode estragar sua roupa e eu não vou ter como consertar. Espera uma ocasião bem especial. Você ainda vai precisar dele.

Efeito sonoro: Música de esperança com som de sinos.

Narrador: Léo não gostava nada daquilo, mas não queria contrariar sua mãe. O máximo que fazia era abrir a caixa pra sentir o cheiro de novinho do terno. Como era bom! Meses se passaram e o Léo nunca

conseguiu nem experimentar aquele terno, que tanto gostava. Certo dia, teve um pesadelo horrível! Sonhou que, ao abrir o papel de seda, o terno estava com um dos botões muito desgastado. Acordou eufórico e teve uma brilhante ideia!

Léo: Eu vou lá! Eu vou, sim! É só eu ir com cuidado, mamãe não vai nem acordar...

Efeito sonoro: Música de suspense, acordes de piano.

Narrador: E lá foi ele! Levantou bem devagar, caminhou até o guarda-roupa da mãe, abriu a porta e, depois, a caixa, lentamente... O guarda-roupa fez um barulho esquisito...

Léo: (zangado) Ah, sua coisa velha! Não acorda a minha mãe!

Narrador: Léo ficou com medo da mãe acordar! Quando conseguiu tirar o terno de dentro da caixa, o guarda-roupa chiou outra vez, como se quisesse alertá-lo de que não deveria fazer aquilo.

Léo: Ah, seu guarda-roupa feio! Me deixe experimentar meu terno! Ele é meu, não seu!

Narrador: Léo deixou o guarda-roupa com as portas abertas e quando, finalmente, saiu do quarto da mãe, deu uma olhada pra trás. Queria ver se a mãe tinha se mexido... Mas ela dormia um sono de pedra, já o guarda-roupa estava lá, com as portas abertas, olhando pra ele... Com medo de alguma coisa que ele não sabia exatamente o quê, saiu correndo dali e foi pro seu quarto.

Léo: (rindo) Finalmente! Finalmente! Meu terninho lindo! Lindo, lindo! Ah, eu não sei por que a mamãe não me deixa usar! Todo mundo, com certeza, ia me notar! Todos iam olhar pra mim e pro meu terno verde e dourado!

Narrador: Com medo da mãe acordar e o proibir de usar o terno para sempre, Léo se apressou. Vestiu o terno. Ficou tão feliz, que não conseguia ficar ali no quarto sem gritar, correr, dançar e cantarolar. Então, resolveu abrir a janela e pular. Não faria mal algum passar uns minutinhos do lado de fora...

Léo: Pronto, meu terninho! Agora podemos respirar.

Efeito sonoro: *Som de aves.*

Narrador: Esaiu andando como se ele e o terno fossem os melhores amigos! Esqueceu até que sua mãe poderia acordar a qualquer momento. Estava tão feliz por estar vestindo o seu terno, que nada mais importava. A noite estava um pouco mais fria que o normal e o céu tão límpido, que parecia ter mais estrelas que o de costume.

Léo: Ei, meu terno, olha só! Aqui é o córrego por onde minha mãe passa todo dia, indo e vindo do trabalho. E aquelas plantinhas, ó, lá do outro lado, são todas lindas, durante o dia. Você precisa ver! Tão cheirosas! (suspira) Ai, às vezes, minha mãe cata algumas pra mim.

Narrador: De repente, uma mariposa enorme e marrom pousou bem no ombro direito de Léo.

Efeito sonoro: Som da mariposa.

Narrador: O menino se assustou e a mariposa se afastou rapidamente.

Efeito sonoro: *Música melancólica. Som de pássaros.*

Léo: Oh, desculpa, dona mariposa. Mas a senhora me assustou um pouco. Ei! Ei, volta aqui! Veja como

o meu terno é lindo! Não é? A minha mãe fez especialmente pra mim! Eu fiquei lindo nele, não foi?!

Narrador: Léo saiu rodopiando, acompanhando a mariposa. Se alguém estivesse de longe bisbilhotando, com certeza, diria que ele estava dando passos de dança.

Léo: (rindo) Dona mariposa! Dona mariposa, a senhora acha que a gente devia ir lá e mostrar ao meu terno como aquelas flores são cheirosas? Eu acho que sim, né? Eu não sei quando eu vou tirar ele do armário de novo... Ah, vamo lá! A gente só precisa atravessar o córrego... E aí a gente vai por aqui, que é bem rasiho. Não faz mal algum. Ele vai amar! São tão cheirosas aquelas flores! A gente pode até levar algumas pra mamãe!

Efeito sonoro: Música melancólica mais alta. Pessoa andando na terra.

Narrador: O pequeno menino foi andando, sozinho, ou melhor, acompanhado da mariposa... Foi se aproximando do córrego, lentamente. A rua só não estava completamente escura por causa de um poste com a luz amarelada, que estava a mais ou menos uns cem

metros de distância. E lá ia ele com seu terninho verde e dourado brilhante... Até que viu o próprio reflexo na água...

Efeito sonoro: *Mão na água.*

Léo: Uaaau! Dona mariposa! Dona mariposa, eu tô muito bonito mesmo! Muito! Nossa... meu terninho é lindo!

Efeito sonoro: *Pessoa entrando na água.*

Narrador: E a mariposa saiu voando para bem longe. Léo começou a entrar no córrego bem devagar, e fazia muito frio. A água primeiro bateu no meio das suas canelas, depois nos joelhos, na cintura, nos ombros... Léo resolveu nadar um pouco e mostrar ao seu terno como era aquela sensação de estar molhado. E a mariposa saiu voando para bem longe... Tão longe, que Léo não conseguia mais vê-la.

Efeito sonoro: Pessoa se afogando.

Léo: (se afogando, tossindo) Ei! Volta aqui, dona mariposa! A gente já vai sair! Volta... aqui...

Maria: Mas o quê... O que é aquilo?!

Graça: (assustada) O que foi, Maria?

Maria: (desesperada) Ali! Ali! Ali no córrego!

Graça: (desesperada) Ai, meu Deus! Pedro! Pedro! Pedro, corre aqui! Olha ali no córrego! Tem um menino lá!

Pessoa 1: Ai gente, meu Deus, o que é? O que foi que aconteceu?

Pessoa 2: Meu Deus, como é que isso foi acontecer por aqui?!

Efeito sonoro: Pessoa entrando na água.

Pedro: A dona Anastácia! Chamem a dona Anastácia.

Efeito sonoro: *Música de mistério.*

O IMPÉRIO DAS FORMIGAS

De H. G. Wells

Personagens

Narradora, Galileu, Hilda, da Cunha,
Tripulação

Época

Passado atemporal

Local

Brasil

CENA 1

Galileu: Algo aqui está errado. Todo mundo sabe que faz pouquíssimo tempo que assumi o cargo e recebo uma promoção assim, do nada! Pior é que, se eu aceitar a missão, vou dar razões a esses jornais que vêm publicando insultos ao meu respeito... por outro lado, todos sabem que eu sou louco pra voltar ao meu país e, quem sabe, ver minha amada de novo.

Narradora: O Capitão Galileu estava confuso com a notícia. Desde que se mudou para Portugal, o seu maior desejo era voltar ao Brasil e rever a jovem por quem era apaixonado. Aceitou, enfim, a missão, e subiu abordo da sua Canhoneira, a Benjamin Constant.

CENA 2

Efeito sonoro: *Sons da floresta, com o rio correndo e o som do motor do navio.*

Galileu: Mas... realmente, algo está errado aqui. Eles só podem estar zombando de mim. Vou embarcar num navio de guerra para combater.... Formigas?! Querem me fazer de bobo, só pode! O que é que se pode fazer contra as formigas? Elas vêm e elas vão.

Efeito sonoro: *Passos no chão de madeira.*

Hilda: Dizem que essas não vão embora.

Narradora: Hilda era a engenheira que vinha da Inglaterra e ficaria a bordo para auxiliar na missão.

Hilda: Capitão, alguns nativos daqui do Brasil informaram que as formigas que estão invadindo o país

estão transformando tudo num caos. Dizem que o nome dessa espécie é saúva, saúva brasileira.

Galileu: E o que está acontecendo, exatamente?

Hilda: Bem, é que ninguém mais sabe como combater essas formigas. Elas estão invadindo tudo, até fazendo as pessoas ir embora de suas casas.

Narradora: O capitão pensou durante algum tempo, muito preocupado.

Galileu: Dizem que, às vezes, tem exércitos dessas formigas que entram em nossas casas. Você sai e elas limpam a casa toda. Então, quando você retorna, a casa está limpa, como se fosse nova! Sem baratas, sem moscas, nenhum inseto no chão.

Hilda: Eu também ouvi falar, capitão. Mas não é a mesma coisa... Essas são um tipo diferente de formiga... E agora, capitão? O que vamos fazer?

Narradora: O capitão deu de ombros, tomou um trago e ficou olhando para o cigarro. Depois, voltou ao assunto:

Galileu: Minha querida Hilda (irônico), o que eu posso fazer contra essas formigas infernais?

CENA 3

Efeito sonoro: Sons da floresta à noite, com o rio correndo e o som do motor do navio.

Narradora: Depois de cinco dias navegando pela Bacia Amazônica, a tripulação tinha chegado no município de Alenquer, no Pará.

Hilda: (Divagando enquanto admira a paisagem) Penso que nunca vi tamanha beleza em minha vida... O dia a dia na civilização me faz esquecer da imensidão da natureza e de como o homem é insignificante perto dela. Olha o tamanho desse rio, dessas árvores... (suspira).

Narradora: Além de Hilda e Galileu, e também, dos outros marujos, ainda tinha o tenente da Cunha, que era o vice-comandante da tripulação. Era um português, um pouco fechado e falava com os outros

apenas o necessário. Quando estava entediado, falava um pouco do clima e nada mais. Mas, ao contrário do que parecia, às vezes, até que se preocupava com a missão.

CENA 4

Efeito sonoro: Sons da floresta à noite, com o rio correndo e o som do motor do navio.

Narradora: Ainda a bordo do Benjamin Constant, Galileu começava a se empolgar com sua missão. Talvez porque não tinha muito o que fazer até chegar no Rio Badama, ele procurava qualquer motivo para se distrair do mormaço e das picadas de insetos, mesmo que fosse coletar informações sobre as formigas.

Galileu: (Com o pensamento acelerado) Meu Deus, elas são grandes... Cinco centímetros! Algumas maiores! Isso é ridículo. Estou me sentindo como um macaco enviado para caçar insetos...

Hilda: Capitão, o senhor está bem?

Galileu: Aquela gente perdeu tudo o que tinha... É assim: as formigas chegam em suas casas, em uma

tarde qualquer, até que todos fogem e elas tomam conta de tudo. Se você fica, elas te devoram. Entende? Bem, por enquanto, elas se recolheram. Todos dizem: ‘as formigas se foram...’ As formigas não se foram. Elas estão lá, tentando entrar e, quando você menos espera, dominam a casa. As formigas lutam.

Hilda: Um exército de formigas atacando os donos da casa?

Galileu: Mordem e eles saem gritando, correndo para o rio. Entram na água e afogam as formigas... é... mas não adianta. Na mesma noite, eles morrem como se tivessem sido picados por uma cobra. Combater formiga não é o meu trabalho. Essas formigas têm olhos grandes. Elas não correm às cegas como a maioria delas. Não! Elas ficam pelos cantos e observam o que a gente faz.

Hilda: E elas picam?

Galileu: Sim. Eu não vejo nada que se possa fazer contra as formigas. Elas vêm e vão.

Hilda: Bem, mas essas não se vão.

Galileu: Elas irão.

CENA 5

Efeito sonoro: *Sons da floresta à noite, com o rio correndo e o som do motor do navio.*

Narradora: A tripulação seguiu seu rumo, passando por cerca de 13 km num canal estreito, onde não tinha nenhuma população.

Galileu: Agora já dá pra ver melhor a floresta.

Da Cunha: Ah! Olha aquelas árvores, capitão. Que sombra boa! Um bom lugar para atracarmos.

Galileu: Tem razão! Vamos atracar!

Efeito sonoro: *Marujos atracando. Passos no chão de madeira.*

Hilda: Finalmente, o calor diminuiu.

Galileu: (Pensativo) O que se pode fazer contra essas formigas? Isso tudo é um absurdo!

Narradora: Galileu só conseguia pensar nas formigas. Galileu pegou no sono e, depois de uns minutos, toda a tripulação estava dormindo. Hilda pensava em tudo o que tinha visto desde que havia se juntado à tripulação. Ela já tinha visto o ser humano conquistar muitas coisas e até controlar a natureza a favor de seus interesses. Mas, agora, ela podia ver que ainda tinha muito, mas muito mesmo, a ser dominado.

Hilda: É incrível... Nunca tive dúvida que era só uma questão de tempo até o ser humano dominar os quatro cantos desse planeta. Há séculos, a humanidade aprendeu a lidar com feras das mais diversas formas. Agora, as pessoas estão sendo expulsas de suas casas por... formigas! Populações inteiras fugindo e deixando para trás o que sempre chamaram de lar...

Narradora: Hilda começou a entender o interesse de Galileu pelas formigas. As pessoas da Europa não entendiam que o ser humano não fosse soberano e absoluto em tudo.

Hilda: Quem realmente impera?

CENA 6

Efeito sonoro: *Sons da floresta à noite, com o rio correndo e o som do motor do navio.*

Hilda: Capitão, tenho novidades! Parece que as formigas estão a apenas quarenta quilômetros daqui.

Galileu: Certo. Vou examinar os arredores. Cadê o meu binóculo?

Hilda: Enquanto isso, eu vou coletar mais informações.

Efeito sonoro: *Passos no chão de madeira.*

Galileu: Meu pai do céu. O que é aquilo ali? Meu Deus!

Hilda: O que tem aí? Deixe eu ver. Ele está... morto!

Galileu: Você viu o rosto dele?

Hilda: Ai, não deu pra ver. Como era?

Galileu: Era... Ah... Não tenho nem palavras.

Hilda: Ai, eu vou chamar o tenente da Cunha.

Efeito sonoro: *Passos de pessoa correndo no chão de madeira.*

Da Cunha: Então, capitão, o que devo fazer?

Galileu: Preciso que vocês cheguem mais perto. Quero saber o que tem dentro daquela embarcação.

Da Cunha: Entendido, capitão. Eu vou chamar mais alguns marujos pra irem comigo.

Galileu: Vá, que eu vou mandar preparar um bote para vocês.

Efeito sonoro: *Passos no chão de madeira. Burburinho.*

Da Cunha: Estamos prontos, capitão.

Galileu: O bote já está pronto, podem ir, vamos lançar vocês ao mar.

Efeito sonoro: *Homem fazendo esforço. Bote caindo na água. Pessoa remando no rio.*

Narradora: Enquanto o tenente da Cunha com outros três marujos remavam no bote em direção à embarcação abandonada, o capitão Galileu também tentava navegar o mais próximo possível daquele barco.

Galileu: Hilda, o que você consegue ver aí?

Hilda: O tenente já está rondando a embarcação. Mas... não dá pra ver muita coisa...

Galileu: Estou tentando chegar mais perto.

Hilda: Agora, capitão! Perfeito! Dá até pra ver o nome do barco... Santa Rosa... Ai, meu Deus... eu vi até mais do que queria...

Galileu: O que tem aí?

Hilda: Somente dois homens... mortos... Mas... (hesita) bem, não dá pra ver seus rostos... ai, eles estão todos despedaçados!

Galileu: O quê?

Hilda: (Pensativa) E o que são aqueles pontos pretos saindo dos homens? (Decidida) Capitão, eu vou precisar que me empreste o seu binóculo

Galileu: (Resmungando) Hum.... aqui.

Hilda: Deixe só eu focalizar bem... (Interrompe)
Ah... como eu temia.

Galileu: Será que a senhora podia me dizer o que está acontecendo?

Hilda: Eu sinto lhe informar, capitão... Mas parece que esses homens foram mortos por formigas.

Galileu: (Com raiva) O quê?! Essa história já foi longe demais! (Gritando ao longe) Tenente!

Narradora: O capitão começou a acenar e a gritar para o tenente da Cunha, que estava no bote, tentando explorar aquela embarcação.

Galileu: (Gritando ao longe) Tenente! Preciso que você suba a bordo do Santa Rosa!

Da Cunha: (Gritando) O senhor está louco? Claro que eu não vou subir lá!

Galileu: (Gritando) Está me desafiando, tenente? Vou te acusar de estar provocando motim a bordo!

Efeito sonoro: *Burburinho da tripulação.*

CENA 7

Efeito sonoro: *Sons da floresta à noite, com o rio correndo e o som do motor do navio.*

Narradora: Nesse momento, a tripulação ficou espantada porque ninguém esperava aquela reação repentina do capitão. O Tenente da Cunha percebeu que o melhor a fazer seria evitar confusão. Bateu continência e escalou pro convés do Santa Rosa. Foi caminhando, lentamente, pra embarcação até se aproximar dos homens caídos. Hesitou por uns segundos, até tomar coragem. Então, agarrou um deles pelo casaco e virou aquele corpo inerte. Nesse momento, um exército de formigas saiu de suas roupas e o tenente tentou esmagá-las com os pés. Enquanto isso, Hilda observava a cena pelo binóculo.

Galileu: Hilda, em que o tenente tanto pisa?

Hilda: São elas, capitão. A embarcação está lotada de formigas. E elas são diferentes... Já viu como as formigas comuns andam? Correndo desesperadas, se batendo umas nas outras? Pois essas são diferentes. São organizadas, têm movimentos muito precisos.

Narradora: O capitão Galileu estava relutante e tentou ignorar o que Hilda falava.

Galileu: (Gritando de longe) Tenente! Como será que eles morreram?

Da Cunha: (Gritando de longe) Capitão, os corpos estão tão destroçados, que é até difícil saber a causa das mortes!

Galileu: (Gritando, ao longe) O que você encontrou aí?

Da Cunha: (Gritando ao longe) Aqui tá cheio de... (Resmungando pra si) O que é que é isso... Aff!

Narradora: Hilda percebeu que as formigas estavam fazendo uma fila numa parte do piso da embarcação, só demorou a entender que...

Hilda: (Suspira, expressando surpresa) Elas estão esperando o tenente...

Da Cunha: Aaaaai!

Galileu: O que foi isso? Por que ele está mancando?

Da Cunha: Aaai! Eu fui mordido! A culpa é toda sua!

Galileu: (Gritando de longe) Não precisa pular...

Efeito sonoro: Corpo caindo na água. Pessoa pulando no rio.

Galileu: Hilda, mande os marujos puxarem o bote com o tenente.

Hilda: Entendido.

Efeito sonoro: *Passos na madeira.*

Narradora: Assim foi feito. Era fim de tarde e da Cunha gemia de dor. A tripulação toda em silêncio, ninguém ousava perguntar o que o outro estava pensando. Naquela noite, a lua não apareceu. Ali mesmo, da Cunha morreu. Seu corpo todo inchado e contorcido. Aquela foi a noite mais estranha e mais sombria que eles passaram ali.

Galileu: Estou acabado com a morte do tenente da Cunha. Mas alguém tinha que ir a bordo. Ele morreu cumprindo seu dever!

Narradora: Hilda olhou para o capitão com uma expressão séria, mas não disse nada.

Galileu: (Firme) Queimem o Santa Rosa!

Hilda: (Surpresa) Agora?

Galileu: (Grunhido de raiva) O que mais a gente pode fazer?

Narradora: Todos a bordo se entusiasmaram com a ideia e ajudaram, satisfeitos. Amarraram a embarcação e atearam fogo nela, usando corda e querosene; logo, a embarcação começou a crepitar e a cintilar suavemente, em meio à imensidão daquela noite tropical. Hilda contemplava as labaredas amarelas contrastando com a escuridão, que iluminava toda a embarcação Santa Rosa. No dia seguinte, o navio, finalmente, alcançou o rio Badama. Ao redor, o que se podia ver eram pequenas construções, uma igreja e restos de plantações.

Galileu: É... Todos os habitantes foram embora.

Hilda: Precisamos chegar mais perto.

Galileu: Vamos pegar um bote. Traga os binóculos.

Hilda: Certo, Capitão.

Efeito sonoro: Passos no chão de madeira. Bote caindo no mar.

Narradora: Assim eles fizeram. Foram navegando e se aproximaram, ao máximo, para examinar o local. Avistaram uma quantidade de formigas enormes, enfileiradas por toda a borda do píer. Elas tinham uma postura firme, como se estivessem vigilantes.

Galileu: (Inquieto, confuso) Aaaah... tenho que pensar em todas as vidas dos marujos que estão comigo... Enviar um grupo para desembarcar... não... impossível! Eles seriam envenenados e morreriam. É totalmente impossível... Se atracarmos, devo desembarcar sozinho... Quem sabe eu consiga sobreviver. Ou talvez, melhor seria se eu não desembarcasse. Aaaah! Não sei... Não faço a menor ideia!

Hilda: (Hesitante) Capitão... Olhe aquilo ali...

Galileu: Meu Deus... mais essa agora...

Hilda: Não pode ser...

Galileu: É isso mesmo que você está vendo... Um esqueleto humano no chão, coberto por um trapo.

Narradora: O Capitão Galileu ficou ainda mais confuso depois de ver aquilo.

Galileu: Estão vendo? Planejaram tudo só pra me expor ao ridículo, Tudo isso aqui! Aah, decidi!

Hilda: O quê? Vamos desembarcar?

Galileu: Não, claro que não! Vamos disparar o canhão! Andem logo, todos ponham algodão no ouvido! Rápido, sem perda de tempo.

Galileu: Todos prontos? Vou começar a contagem regressiva... 5... 4... 3... 2... 1...

Efeito sonoro: Tiro de canhão.

Hilda: (Pensando consigo mesmo) É... o capitão enlouqueceu de vez...

Galileu: Vamos! Mais um! Vou contar... 5... 4

Hilda: Isso não vai dar certo, temos que detê-lo.

Galileu: ...3... 2... 1!

Efeito sonoro: Tiro de canhão.

Hilda: Capitão, o senhor, antes, tinha destruído uma casa nas redondezas, agora, foi um antigo engenho de açúcar.

Narradora: O comentário de Hilda fez o capitão acordar de seu devaneio. Mas, então, ele começou a entrar em pânico.

Galileu: (Inquieto) Isso não é nada bom, nada bom mesmo. Devemos ser instruídos por nossos superiores sobre o que fazer nessa situação de emergência. Vão, talvez, nos punir por gastar munição com formiga.

Efeito sonoro: Burburinho da tripulação.

Galileu: (Gritando) Mas o que a gente podia ter feito?! Afinal, não eram simples formigas!

Narradora: À tarde, o navio voltou a descer o rio e, logo à noite, um grupo desembarcou numa das margens do rio, carregando o corpo de da Cunha para um lugar onde as formigas ainda não tinham chegado.

Hilda: Que formigas estranhas! Veja, eu já tinha até ouvido falar delas em um livro que li sobre saúvas do Brasil. Dizem até que, dentro de pouco tempo, terão invadido toda a América Latina e até chegarão a

Europa, entrando por Portugal, Espanha, Inglaterra, enfim, se infiltrando por todo o continente.

Galileu: Será que ainda vou ser Capitão dessa missão daqui a alguns anos? Quem sabe? Mas, fico pensando no futuro e me pergunto o que mais se pode fazer pra dar conta dessa praga pra sempre?

Sobre a organizadora

A Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Guerra Anastácio, organizadora do audiolivro *Sabor e Som: Causos de cozinha*, é formada em Letras com especialização em Tradução, Interpretação e Revisão pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); especialização em Fundamentos de Áudio e Acústica pelo Instituto de Áudio e Vídeo (IAV), em São Paulo; mestrado em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e pós-doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), é professora titular do Instituto de Letras, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura e também do Programa de Língua e Cultura; e coordenadora do grupo de pesquisa Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM):

Estudos de Tradução Interlingual e Interartes. Publicou 13 audiolivros – cada um com dois números de registro (ISBNs) referente, respectivamente, ao roteiro de publicação e a sua trilha sonora – e nove livros.

Ficha Técnica

O JUÍZO FINAL

Tradução

Ingrid Mendes Matos

Revisão da Tradução

*Prof.ª Dr.ª Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Clara Elisabeth Santos do Rosário, Flávio Azevêdo Ferrari,
Ingrid Mendes Matos, Lavínia de Melo Gargur,
Luciana Silva Santos, Raquel Borges Dias*

Roteiro

Ingrid Mendes Matos

Revisão do Roteiro

*Prof.ª Dr.ª Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Marcelo Gouvêa, Ingrid Mendes Matos, Guilherme Araújo,
Lavínia de Melo Gargur, Raquel Borges Dias*

Produção

Ingrid Mendes Matos

Direção

Ingrid Mendes Matos

Assistente de Direção

Clara Elisabeth Santos do Rosário

Elenco

*Catarina: Luciana de Lucena
Pedro: Antônio Carlos Silva Junior
Julio: Reiner Perozzo*

Deus: Edgar Bispo da Silva Neto
Homenzinho: João Victor Soares
Homem Perverso: Artur Braúna de Moura
Beata: Sílvia Maria Guerra Anastácio
Anjo: Ingrid Mendes Matos
Mulher sábia: Luciana de Lucena

Efeitos Sonoros
Ingrid Mendes Matos

Edição
Ingrid Mendes Matos, Lavínia Gargur

Masterização e finalização da mídia
André Tiganá

Revisão final
Raquel Borges Dias, Luan Santos Figueredo

Revisão Edufba
Cristovão Mascarenhas

Ficha Técnica

O JARDIM ENCANTADO

Tradução

Lavínia de Melo Gargur, Luciana Silva Santos

Revisão da Tradução

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Clara Elisabeth Santos do Rosário, Flávio Azevêdo Ferrari,
Ingrid Mendes Matos, Lavínia de Melo Gargur,
Raquel Borges Dias*

Roteiro

Lavínia de Melo Gargur, Clara Elisabeth Santos do Rosário

Revisão do Roteiro

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Lavínia de Melo Gargur, Raquel Borges Dias,
Clara Elisabeth Santos do Rosário,
Ana Carolina do Espírito Santo Melo*

Produção

Lavínia de Melo Gargur, Clara Elisabeth Santos do Rosário

Direção

Junior Brito

Assistente de Direção

*Luciana Santos, Clara Elisabeth Santos do Rosário,
Ingrid Mendes Matos*

Elenco

Entrevistadora: Monique Meirelles

Raimundo: Junior Brito

Wallace: Edgar Bispo da Silva Neto

Efeitos Sonoros

Lavínia de Melo Gargur, Clara Elisabeth Santos do Rosário

Edição

Lavínia de Melo Gargur, Ingrid Mendes

Masterização e finalização da mídia

André Tiganá

Revisão final

Raquel Borges Dias, Ricardo Oliveira Rocha

Revisão Edufba

Cristovão Mascarenhas

Ficha Técnica

A PÉROLA DO AMOR

Tradução

Lavínia de Melo Gargur

Revisão da Tradução

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Clara Elisabeth Santos do Rosário, Flávio Azevêdo Ferrari,
Ingrid Mendes Matos, Lavínia de Melo Gargur,
Raquel Borges Dias*

Roteiro

Lavínia de Melo Gargur

Revisão do Roteiro

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Flávio Azevêdo Ferrari, Raquel Borges Dias,
Clara Elisabeth Santos do Rosário, Ingrid Mendes Matos*

Produção

Lavínia de Melo Gargur

Direção

Junior Brito

Assistente de Direção

Luciana Santos

Elenco

*Narrador: Monique Meirelles
Pessoa 1: Ingrid Mendes Matos
Pessoa 2: Luciana Silva Santos
Pessoa 3: Junior Brito*

Efeitos Sonoros
Lavínia de Melo Gargur

Edição
Lavínia de Melo Gargur, Ingrid Matos

Masterização e finalização da mídia
André Tiganá

Revisão final
*Raquel Borges Dias, Luan Santos Figueredo,
Ricardo Oliveira Rocha*

Revisão Edufba
Cristovão Mascarenhas

Ficha Técnica

A MÁQUINA DE GUERRA

Tradução

Ingrid Mendes Matos e Luciana Silva Santos

Revisão da Tradução

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Clara Elisabeth Santos do Rosário, Flávio Azevêdo Ferrari,
Ingrid Mendes Matos, Lavínia de Melo Gargur,
Luciana Silva Santos, Raquel Borges Dias*

Roteiro

Luciana Silva Santos, Ingrid Mendes Matos

Revisão do Roteiro

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Ana Carolina do Espírito Santo Melo, Clara Elisabeth
Santos do Rosário, Ingrid Mendes Matos, Lavínia de
Melo Gargur, Raquel Borges Dias*

Produção

Ingrid Mendes Matos

Direção

Ingrid Mendes Matos

Assistente de Direção

Clara Elisabeth Santos do Rosário

Elenco

Criança: Monique Meireles

Madalena: Luciana de Lucena

Homem 1: Antônio Carlos Silva

Homem 2: Flávio Azevêdo Ferrari

Homem 3: Lucas Vinícius

Tenente (dentro da fala de Madalena): Edgar Bispo da Silva Neto

Soldado (dentro da fala de Madalena): Edgar Bispo da Silva Neto

Efeitos Sonoros
Ingrid Mendes Matos

Edição
Ingrid Mendes Matos, Lavínia Gargur

Masterização e finalização da mídia
André Tiganá

Revisão final
Raquel Borges Dias, Ana Carolina do Espírito Santo Melo

Revisão Edufba
Cristovão Mascarenhas

Ficha Técnica

O TERNO

Tradução

Luciana Silva Santos

Revisão da Tradução

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Flávio Azevêdo Ferrari, Ingrid Mendes Matos,
Luciana Silva Santos, Lavínia de Melo Gargur,
Raquel Borges Dias*

Roteiro

Luciana Silva Santos

Revisão do Roteiro

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Raquel Borges Dias, Flávio Azevêdo Ferrari*

Direção

Junior Brito

Assistente de Direção

Luciana Silva Santos

Elenco

Narrador: Edgar Bispo da Silva Neto

Anastácia: Mirela Gonzalez

Leonardo: Junior Brito

Maria: Luciana Santos

Graça: Ana Mariano

Pedro: Junior Brito

Pessoa: Junior Brito

Efeitos Sonoros

Luciana Silva Santos

Músicas livres de direitos autorais. Disponíveis em:

<<https://www.youtube.com/audiolibrary/music?feature=blog>>.

Edição

Sophia Colleti

Masterização e finalização da mídia

André Tiganá

Revisão final

Raquel Borges Dias, Sophia Colleti

Revisão Edufba

Cristovão Mascarenhas

Ficha Técnica

O IMPÉRIO DAS FORMIGAS

Tradução

Clara Elisabeth Santos do Rosário

Revisão da Tradução

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio, Flávio Azevêdo Ferrari,
Ingrid Mendes Matos, Luciana Silva Santos, Lavínia de Melo Gargur,
Raquel Borges Dias*

Roteiro

Clara Elisabeth Santos do Rosário

Revisão do Roteiro

*Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio,
Raquel Borges Dias, Flávio Azevêdo Ferrari*

Produção

Clara Elisabeth, Ingrid Mendes Matos, Lavínia de Melo Gargur

Direção

Clara Elisabeth Santos do Rosário

Elenco

Galileu: Edgar Bispo da Silva Neto

Narradora: Luciana de Lucena

Hilda: Flora Mesquita

da Cunha: Antônio Carlos Silva

*Tripulação: Flávio Azevêdo Ferrari, Ricardo Oliveira Rocha, Luan
Figueredo, Isabella Moura, Sílvia Maria Guerra Anastácio*

Efeitos Sonoros

Clara Elisabeth Santos do Rosário

Edição

Sophia Colleti

Masterização e finalização da mídia

André Tiganá

Revisão final

Raquel Borges Dias, Ricardo Oliveira Rocha

Revisão Edufba

Cristovão Mascarenhas

COLOFÃO

Formato	<i>14 x 21 cm</i>
Tipologia	<i>Gerorgia 12/18</i>



Sílvia Maria Guerra Anastácio é formada em Letras com especialização em Tradução, Interpretação e Revisão pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); especialização em Fundamentos de Áudio e Acústica pelo Instituto de Áudio e Vídeo (IAV), em São Paulo; mestrado em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e pós-doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA) é professora titular do Instituto de Letras, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura e também do Programa de Língua e Cultura; e coordenadora do grupo de pesquisa Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM): Estudos de Tradução Interlingual e Interartes. Prêmio Destaque da Iniciação Científica e Tecnológica 2018/2019 do Programa PIBIC. Finalista da 4ª Edição do Prêmio do Instituto Pró-Livro (IPL) – Retratos da Leitura – 2019 na categoria Cadeia Produtiva do Livro. Publicou 13 audiolivros – cada um com dois números de registro International Standard Book Number (ISBNs) referentes, respectivamente, ao roteiro de publicação e a sua trilha sonora – e nove livros.

H. G. Wells: Ficções clássicas é um audiolivro produzido pelo PRO.SOM da Universidade Federal da Bahia (UFBA) a partir de contos mundialmente conhecidos de H. G. Wells. Já foram publicados os seguintes audiolivros com textos de Wells pelo Grupo de Pesquisa: *A Guerra dos Mundos* (2015); *Uma luz na Escuridão* (2015), com o conto “A terra dos cegos”; *A máquina do tempo* (2017); e *A lenda de Iping* (2018). Os contos aqui apresentados em formato de peça radiofônica são: “O Juízo Final”, “O Jardim Encantado”, “A Pérola do Amor”, “A Máquina de Guerra”, “O Terno” e “O Império das Formigas”. Visamos o público em geral, bem como deficientes visuais, para que tenham acesso a um material interessante e inovador, que busca dar acessibilidade a contos de Wells em língua portuguesa.